



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 30

Deise e Doroteia

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Tem muitas histórias no Rádio Novelo Apresenta que são difíceis de classificar. Provavelmente a maioria delas. Tô imaginando aqui uma classificação tipo a do Netflix – ou de uma videolocadora de filmes daquelas de antigamente, com as várias áreas para cada gênero.

Nessa locadora imaginária dos nossos episódios, a gente ia ter alguns thrillers, algumas comédias, váários dramas... e bem pouco romance. A gente precisa trabalhar mais essa última categoria.

Mas a maioria das histórias ia ficar espalhada por aí, perdida, sem uma prateleira para chamar de sua. Na verdade, esse é até um motivo pelo qual a gente fez esse programa aqui. Sem a prateleira eclética e estranha que é o Rádio Novelo Apresenta, eu não sei onde essas histórias iam parar.

Mas, nessa grande locadora imaginária dos nossos episódios que eu inventei agora, talvez a história dessa semana fosse uma das poucas que podiam caber na categoria “ação”.

É uma “ação” do nosso jeito, né? Tem perigo, tem vingança, tem pesquisa científica, tem animais gigantes, tem perseguição em alta velocidade em barcos... e tem a breve – e improvável – aparição de um elemento alienígena. E com tanta coisa assim, a gente acabou decidindo que essa história merecia um episódio só para ela.

Ah, e um aviso para quem tá ouvindo: essa história tem uma descrição um pouco gráfica de um acidente. Fica a seu critério como e com quem escutar. Nossa guia nesta saga vai ser a Letícia Leite.

ATO 1

Letícia Leite: Era dezembro, mês do meu aniversário. Eu estava cansada, como quase todos os brasileiros em dezembro de 2022. E aí a minha amiga Vera me chamou para passar o meu aniversário trabalhando com ela. Parece presente de grego, né? Mas é que ela trabalha num lugar assim:

Vera da Silva: Você acorda com os guaribas gritando, de noite tem os sapos, os pássaros, aquele bacurau que fica gritando. Enfim, é um festival de sons.

Letícia Leite: A Vera trabalha numa reserva no oeste do Amazonas, a 600 km de Manaus.

Vera da Silva: Tem uns jacarés todos no entorno que te faz ficar alerta também. Você fica na expectativa de ver os macacos, de passar os uacari. E os botos, né? Que os botos são fascinantes, né? Reza a lenda que os botos encantam, então eu fui encantada há muito tempo e até hoje é impossível um boto passar no rio ou respirar que imediatamente o meu olhar e minha atenção não vá para o animal.

Letícia Leite: Bom, o convite foi esse. Como uma boa sagitariana, eu topei sem nem saber muitos detalhes. Comprei passagem, arrumei a mala, abstraí a parte dos jacarés, concentrei na parte dos botos, peguei minha boia, óculos

de natação, touca, protetor de ouvido... e tava pronta para nadar com os botos no meio de um rio da Amazônia para celebrar a nova idade. Nada mal.

O que a Vera tinha me convidado para fazer era justamente observar botos. Fazer um monitoramento da população da reserva. Atualizar o censo cetáceo, dá para dizer.

Quando você tá navegando pelos rios da Amazônia, uma das coisas mais incríveis é o momento em que um boto-rosa dá o ar da graça. Você ouve um “tfff” e vê um dorso liso surgindo do rio, depois mergulhando rapidinho.

Depois você fica com os olhos vidrados na água, tentando entender para onde o bicho tá indo para saber exatamente onde ele vai subir de novo. Quando você acerta, é mágico.

Parece que os botos tão brincando. E é meio isso mesmo. Sabe quando a gente coloca a cabeça pro lado de fora da janela e sente aquele ventinho no rosto?

A Vera me explicou que é mais ou menos assim que os botos se sentem quando chegam com a cabecinha perto do motor.

Como eles são animais sonares, as ondas sonoras produzidas pelo barulho do motor são que nem vento pro rosto deles. Por isso, ao menor sinal de um barco, eles seguem a traseira do motor atrás de uma brisa.

Durante cinco dias, a Vera, o Lucas – que é um aluno de doutorado dela –, e o Edinho – que trabalha com a Vera há mais de 20 anos –, fizeram esse trabalho de encantar botos com o motor do barco. E eu fui junto.

De manhã cedo, a gente saía num barco pequeno. A equipe precisa ficar em silêncio e atenta para ouvir o som do boto saindo para respirar fora d'água.

E é nessa subida rapidinha que os pesquisadores conseguem identificar, pelo tamanho e pelo comportamento, se o bicho é macho ou é fêmea. Os machos são mais pesados e de cor mais forte, e as fêmeas são menores e mais claras.

A embarcação tem que andar devagarinho, a 10 km/h, para quem tá observando conseguir ver o boto direitinho, e para que um mesmo boto não ultrapasse o barco e seja repetido na contagem.

Teve um momento em que tinha 17 botos em volta do nosso barco. E a Vera praticamente sabia fazer a árvore genealógica deles ali mesmo.

Vera da Silva: É muito legal quando você consegue ver quem é a mãe e o pai dessa criança. Essa criança teve filho, a outra foi avó, bisavó, já está no tataravó.

Letícia Leite: Esse monitoramento demanda uma presença constante na região. Durante a pandemia, a sede do projeto ficou fechada. Aliás, a sede é um flutuante — uma casa que fica ancorada no rio, mesmo. Essa expedição da Vera que eu acompanhei era a retomada do projeto em campo.

O Projeto Boto é liderado pela Vera — que é pesquisadora no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, o Inpa. E já são quase três décadas de coleta de dados. Nesse tempo, o projeto já teve fases diferentes.

Vera da Silva: Então os biólogos, oceanógrafos, enfim, toda a gente aceitava, veterinários — essas pessoas que tinham acabado de sair da universidades, se formar e aí se dizia agora o que é que eu vou fazer? Não tem emprego, ainda, não está na pós-graduação, não sabe o que quer. E tinha essa oportunidade de passar uma temporada na Amazônia.

Letícia Leite: Daí eles iam morar por um tempo na sede do projeto, na casa flutuante, para trabalhar lá.

Tinha sempre dois desses estagiários por vez.

Vera da Silva: Então era uma coisa assim difícil às vezes. Sempre dois biólogos, enfim, uma área assim... às vezes não eram compatíveis, outras vezes se tornavam irmãos, e, outras vezes, casais. Alguns casais saíram de lá e casaram, né?

Letícia Leite: Via de regra, era todo mundo muito jovem ali. Pessoas que podiam parar tudo para ir dedicar alguns meses da vida aos botos, numa área super isolada.

Vera da Silva: bom, você já foi mais jovem, eu também. E a gente sabe que quando a gente é jovem, a gente se sente imortal, né? E a gente faz coisas que depois você olha para trás e diz: "Nossa, como é que eu fazia?" "Eu fiz isso."

Letícia Leite: A Vera chegou no Mamirauá no começo da década de 80.

Vera da Silva: Eu cheguei aqui jovem e recém-formada, com muita, muita energia para a Amazônia, e nós tínhamos uma, talvez, uma percepção do perigo ou daquilo que era perigoso mesmo, diferente do que se tem hoje. Eu, por exemplo, com os meus alunos, ou mesmo comigo. Comparado, vamos dizer assim, de 0 a 10, hoje tá moleza, né? Porque hoje tá muito fácil, ninguém quer ir pro campo. Tem pessoas que não querem ficar mais de 15 metros de uma tomada, tem que ter energia, tem que ter... Nós saíamos, às vezes embarcações sem colete, sem rádio, sem telefone. Não existia celular e a gente se embrenhava, ia muitos dias acampado na floresta no – no Lago Amanã, quando eu comecei a frequentar, nós tínhamos que botar as redes de pesca em volta do acampamento, panela, tampa... Por causa das onças.

Letícia Leite: A Vera diz que hoje tá moleza. Que tem muito mais conectividade, muito mais estrutura...
...mas alguns perigos não mudam com o tempo.

Vera da Silva: eu muitas vezes eu dizia para os meus alunos ali, né, os estudantes que estavam no flutuante: “Se você decidir entrar na água, eu quero que antes você escreva uma cartinha para sua mãe dizendo, ‘Mãe, a Vera me disse para eu não entrar, mas eu quis entrar’”. Porque o que eu vou dizer para sua mãe quando você desaparecer nas águas do Mamirauá carregado por um jacaré?

Letícia Leite: Bom, depois dessa, eu nem preciso dizer que – apesar de eu ter levado protetor de ouvido, óculos e touca de natação, bóia e tudo mais – aquele lance de nadar com os botos no dia do meu aniversário acabou sendo impossível.

Porque o Lago Mamirauá é a casa de animais gigantes. Os botos – claro, o pirarucu também... e o chefe da cadeia: o jacaré-açu - esse "açu" no final do nome significa que ele é o maior de todos os jacarés. Tem jacaré-açu que chega a ter seis metros de comprimento e 300 quilos.

Nos cinco dias que eu passei lá, eu tava rodeada de jacarés-açu. É uma sensação esquisita, vamos dizer assim, lavar a louça no flutuante sendo encarada pelos olhos de três jacarés gigantes. E enquanto a gente estava observando botos... os jacarés-açu ficavam observando a gente. Dava um pouco de medo. Imagina cair naquela água? E aí aconteceu. Eu caí mesmo. E no dia do meu aniversário.

Eu lembro que naquele dia eu acordei com uma sensação estranha. Eu levantei um pouco atrapalhada, atrasada. Já estava todo mundo no barco, e eu voltei umas três vezes para buscar primeiro os óculos, depois o chapéu, depois o repelente... Enfim, finalmente eu fui a última a sair e trancar a casa, e fui em direção ao barco.

A gente estava numa voadeira. É uma canoa de alumínio com motor rápido. Algumas têm banquinhos com encosto e cobertura de lona, mas a nossa era mais simples. Sem cobertura e só com banquinho de alumínio.

Letícia Leite: E a Vera tem uma tática: ela coloca uma cadeira de plástico com encosto – dessas cadeiras de bar, sabe? Ela encaixa essas cadeiras no

banco de alumínio do barco, para ficar mais confortável. E quando eu fui entrar no barco, a Vera estava sentada na cadeirinha dela e me estendeu a mão. Eu segurei a mão dela, e coloquei um pé no barco.

Vera da Silva: E quando você foi entrar, eu acho que você se desequilibrou e hesitou e eu fui te ajudar e a minha cadeira tombou.

Letícia Leite: Assim que eu encostei o primeiro pé, o barco andou, e eu puxei a mão da Vera para tentar me equilibrar e levar meu outro pé pro barco. Mas eu acabei puxando a Vera e a cadeira dela virou.

Vera da Silva: Caí na água e, quando eu dei por mim, eu sei que eu tava fundo e eu tentei me localizar. Como a água é escura não dá para ver nada e eu senti que eu estava tocando a boia do flutuante...

Letícia Leite: Ela afundou junto com a cadeira pro fundo do rio. E eu também. Mas eu caí em pé. Eu caí num pulo, e subi no outro, porque eu consegui ficar apoiada no barco com uma das mãos. Mas a Vera afundou mesmo – e, por alguns segundos, ela ficou lá, embaixo d'água.

Vera da Silva: Então eu me empurrei e tentei ir para cima, porque a primeira coisa que veio na minha cabeça foi jacaré, né?

Letícia Leite: Até que ela subiu. Eu lembro dos olhos dela completamente arregalados. Os meninos ajudaram ela a subir. A cadeira tá no fundo do rio até agora. A gente nunca conseguiu tirar ela de lá. Foi só depois que eu soube que essa tinha sido a primeira vez, nesses anos todos, que a Vera tinha caído na água do Mamirauá. 29 anos de cuidados que foram literalmente por água abaixo.

Vera da Silva: Enfim, tem uma série de circunstâncias que conspiram ao nosso favor. E entre mortos e feridos, salvaram-se todos.

Letícia Leite: Além da cadeira de plástico, no tombo, a Vera também perdeu os óculos... e ganhou um baita roxo na perna. Naquele dia, passado o susto, eu senti que a queda tinha mexido com ela. Como se aquilo tivesse despertado

algum trauma nela. Então, eu perguntei se tinha acontecido algum acidente nesses anos todos do Projeto Boto. E foi aí que ela me contou uma história.

Vera da Silva: Eu tenho duas filhas. As duas nasceram no mesmo dia. Foi uma coincidência com dois anos de diferença. 30 de dezembro. E eu estava em Brasília, com a minha irmã, o bolo de aniversário das minhas filhas no colo, quando o telefone toca.

Letícia Leite: Era o dia 30 de dezembro de 2009. Mas antes d’eu te contar o que a Vera ouviu naquela ligação, eu preciso te apresentar outra pessoa. Que, por coincidência, também tem duas filhas.

Deise Nishimura: Meu nome é Deise, eu tenho 37 anos, sou bióloga de formação. Hoje eu sou mãe de duas meninas, uma de dois – a Olívia, e uma de quatro, que está aqui comigo, de quatro meses.

Letícia Leite: A Deise deu entrevista para Flora Thomson-DeVeaux, da Novelo, enquanto balançava a filhinha menor dela, a Emily. A Deise nasceu no estado de São Paulo, mas acabou indo morar na Inglaterra por causa do emprego do pai. Foi lá que ela terminou o ensino médio, a graduação, a pós-graduação... e ela se formou no meio de uma crise econômica mundial.

Deise Nishimura: Era 2009, era ano de recessão lá, estava um monte de gente sendo mandada embora, e eu não arranjava emprego na minha área. Eu trabalhava em loja de roupa, tipo vendendo roupa, e eu comecei a procurar coisa no mundo todo. Então procurava para ser ranger na África do Sul com turista. Eu procurava coisa nas Filipinas. E aí apareceu um estágio no Amazonas para estudar boto cor de rosa. Eu sempre gostei de cetáceos, então para mim foi – “nossa, isso é perfeito, né?”

Letícia Leite: A Deise passou na seleção do Projeto Boto, e só quicou em São Paulo para deixar algumas malas. E de lá, ela saiu direto para Reserva Mamirauá.

Deise Nishimura: E aí lá no Amazonas, eu fiquei por nove meses, assim, o emprego dos sonhos de qualquer biólogo, porque lá, lá na Inglaterra, na Europa, a gente estuda tipo insetos, a gente estuda plantinha, porque não tem muito bicho.

Letícia Leite: A natureza no Mamirauá era muito diferente. E ela ficava muito próxima.

Deise Nishimura: A nossa casa era uma casa flutuante, e flutua com uns troncos de uma árvore que chama assacu, que é um tronco que é— que tem bastante ar dentro e flutua. Então, entre o tronco e o chão da casa tem um vãozinho. E era lá que a Doroteia – o Doroteia que a gente descobriu depois que era macho, mas a gente chamava de a Doroteia.

Letícia Leite: Doroteia, no caso, era um jacaré-açu. Que era quase um roommate lá do flutuante.

Deise Nishimura: Era lá que a Doroteia subia e dormia, era o ninho dela, era a casinha dela. Tanto que, quando ela subia, a gente sentia a casa mexer. A gente falava "Ah, Doroteia chegou em casa".

Letícia Leite: Doroteia fazia parte do ritmo da vida, lá na reserva. Em geral, era um ritmo bem calmo. Menos em novembro, quando o projeto fazia o censo anual dos botos.

Deise Nishimura: Os botos, eles ficam em algumas, alguns lagos assim, que só tem uma saída. Então a gente colocava uma rede lá para capturar os botos. E aí assim é o mês mais agitado, porque é o mês que fica, que a gente pega um monte de pescador da região para ajudar a gente na captura.

Letícia Leite: Eles pegam os botos e vão avaliando um por um, fazendo um tipo um check-up para ver se tá tudo bem. E os pesquisadores também marcam cada boto capturado para conseguir identificar cada um deles

individualmente. Nesses anos todos, eles já marcaram mil trezentos e setenta e cinco botos.

A marcação não é que nem se faz em gado, com ferro em brasa. Ela é feita da forma mais delicada possível, com nitrogênio líquido. Deise [10:28] que aí ele já vai cicatrizando, e não é dolorido, como se fosse aquele ferro quente. E a gente marca na dorsal do boto.

No meu primeiro dia lá no Mamirauá, eu consegui ver a Horiz K 3. Ela é uma bota que foi capturada e marcada em 1996. O nome tem a ver com a sequência tatuada na pele dos botos. Horiz K3, significa a letra K na horizontal, e daí vem o "Horiz", seguida do número 3. Horiz K três.

Com essa marcação, e com o monitoramento constante, dá para saber que a Horiz K 3 teve quatro filhotes, que algumas das filhas dela já pariram netos dela, e que esses netos já tiveram filhos também. Em dezembro de 2022, a bisavó Horiz K3 continuava viva e amamentando. Com esses identificadores, os pesquisadores sempre conseguem acrescentar informações novas na grande Wikipédia dos botos da Reserva Mamirauá.

Deise Nishimura: E assim a gente coletava todos os tipos de dado. Então assim a gente via aonde que ele estava, com quem que ele estava. A gente falava... assim, a gente não tinha televisão lá, né? Então os botos eram a nossa novela, porque a gente falava "ah, o XP, ele tá com o 06". Ah, "olha, ontem o XP estava com a 69", sabe? Então era engraçado porque a gente conhecia alguns botos, a gente só marcava e não via nunca mais. Mas tinha uns botos que a gente via todo dia, e todo dia estava ou no mesmo lugar, ou ou tinha um macho que gostava de ficar com as fêmeas, ou tinha um bando de machos, então a gente conhecia muito bem os botos e eles têm alguns comportamentos também, então às vezes o macho leva um presente para fêmea, então ele pegava lá casco de tartaruga, de tracajá e ficava fazendo displays que a gente chamava, que era algum comportamento que a gente via que estava diferente. Normalmente era o macho que estava fazendo e normalmente tinha alguma fêmea por perto. A gente falava que era tipo o buquê de flores que ele tá levando...

Letícia Leite: Como a Vera falou, o esquema era de sempre ter dois estagiários morando juntos numa casa flutuante na reserva. A rotina era simples. Todo dia, um deles, ou uma delas, saía junto com um barqueiro local para identificar os botos. E, quem não ia, ficava catalogando os dados do dia anterior, fazendo uma faxina, preparando o almoço... Daí, no outro dia, eles trocavam de função.

Deise Nishimura: Logo que o sol estava nascendo, a gente já saía, porque é quando os botos estão mais ativos. E aí, chegando lá pelas duas, assim, o time voltava, né? O barqueiro e a estagiária voltavam. E era isso. Todo dia era assim.

Flora Thomson-DeVeaux: Então como é que foi o dia 30 de dezembro de 2009?

Deise Nishimura: Foi um dia normal, então a gente tinha que coletar dados todos os dias. Então, 30 foi normal, um dia normal, a gente estava coletando dados.

Letícia Leite: Na época, a Deise estava dividindo a casa flutuante com uma estagiária espanhola chamada Glória. A Glória tinha chegado no estágio fazia pouco tempo, e ainda estava se ambientando. E, naquele dia, era a vez da Glória sair com o barqueiro para observar os botos.

Deise Nishimura: eu estava lá de manhã preparando o almoço, e a gente ia fazer um peixe assado, então eu estava limpando, descamando o peixe... e, como a gente morava nessa casa flutuante, então assim: a gente cortava, fazia um monte de coisa no chão, e já ia jogando os restos de comida na água.

E aí, nesse dia, que foi em dezembro – que também ainda é época da seca, que é quando todos os animais estão mais estressados porque tá todo mundo mais concentrado na água... Então quando tá na cheia, todos os jacarés estão espalhados, então tem espaço para todo mundo, tem comida para todo mundo. E na seca, não. Tá todo mundo

junto lá, tá todo mundo onde tem água, o pouco de água que tem. Então tá todo mundo mais agressivo, sabe?

E aí então, nesse dia eu estava lá limpando o peixe, limpando a— descamando o peixe... e a Doroteia veio e pulou... Eu estava na beira da casa, que é como se fosse uma plataforma no chão com a perna dobrada de indiozinho. Ela veio, pulou mais de um metro da água até o chão da casa, acho que tinha tipo um metro, então ela pulou e abocanhou a minha perna.

Eu entendo que ela estava atrás do peixe porque eu estava jogando escama do peixe na água, e ela pulou. A primeira coisa que ela encontrou foi a minha perna. Ela abocanhou minha perna, e aí com o peso dela, ela me puxou para dentro da água. E aí ela começou a girar.

Letícia Leite: Eu não sei se você já viu um jacaré atacando. Mas, normalmente, eles não conseguem abrir e fechar a mandíbula com rapidez, que nem a gente faz quando tá tentando comer um pedaço de comida maior que a nossa boca.

Então quando a presa é maior do que a boca do jacaré, eles mordem, travam a mandíbula, e começam a girar debaixo d'água. Eles giram e giram, usando a força da mandíbula e a força centrífuga, até conseguir arrancar um pedaço... ou até a presa se afogar.

Deise Nishimura: Quando ela estava me girando primeiro eu pensei "Nossa, cabô minha vida, morreu, morri". Aí depois eu pensei: "Ah, acho que— acho que vamos ver. Eu estou aqui um tempo girando, acho que ainda consigo sair". E aí eu lembrei de um documentário que eu assisti no Discovery Channel, sei lá, que eu gosto de assistir esses de natureza e tal. E falava: "Se você é atacado por um tubarão, você tem que colocar o dedo, tem que dar um soco no nariz do tubarão, que é a parte mais sensível".

E aí eu lembro de estar girando na água e colocar a minha mão assim na cabeça da Doroteia, do jacaré, e pensar "Nossa, qual que é a parte

mais sensível?” Porque parecia uma rocha, assim, sabe, uma pedra, de tão dura que era a cabeça dela.

E aí eu senti um buraco que eu acho que não sei se era o nariz, o olho, não sei. Só sei que eu coloquei meus dedos, meu indicador, meu polegar dentro desse buraco e apertei com toda, toda a força. Tanto que depois eu vi que eu até quebrei a minha unha, de tão forte que eu apertei. E foi nesse momento que ela me soltou.

Letícia Leite: O jacaré soltou a Deise. Mas a perna direita dela ficou.

Deise Nishimura: Eu fui lá para superfície. Eu lembro de olhar a água em volta de mim, toda vermelho, assim, sabe? De sangue. E lembrando que era época da seca, então estava cheio de piranhas, cheio de outros animais e de outros jacarés. Eu falei, "nossa, preciso sair dessa água o mais rápido possível, senão vou ser atacada por outro bicho".

Eu lembro de tentar subir de novo na plataforma, mas lembra, né? Era um metro e eu tenho 1m55. Não consegui me erguer para plataforma e eu fui – me arrastei, me puxando e me arrastando, para ir até a frente da casa que a gente tinha uma rampa, onde a gente estacionava os barcos. E lá era uma rampa que encostava na água. Então eu consegui subir por aquela parte, que era mais baixinha. E aí eu fiquei lá naquela rampa gritando por ajuda, porque eu tinha visto um pescador das comunidades que a gente passeava durante o final de semana, eu vi um desses pescadores, um desses ribeirinhos, passar lá de manhã. Aí eu fiquei gritando “Socorro, socorro!” Fiquei gritando por ajuda – meu, ele não vinha. E eu falei “Nossa, eu preciso sair daqui, eu preciso de ajuda, se não eu vou sangrar até morrer”.

O único meio de comunicação que a gente tinha era esse radinho. Então eu lembro de subir. Essa foi a parte mais difícil, porque de repente você tá sem uma perna, você perde totalmente o equilíbrio, sabe? Então eu lembro que eu fui tentar pular, eu não conseguia. Aí eu fui meio que de quatro e eu vi – “Nossa, não consigo”. Aí eu fui meio que rolando, assim, até chegar dentro da casa. E aí eu consegui pegar o

rádio e chamei por ajuda. Aí quando eu estava chamando por ajuda no rádio, o pescador chegou, ele ouviu eu gritando e aí ele já chegou com o facão, assim ele tava, ele achou que eu tava sendo atacada por algum – como a gente ficava sozinha naquela casa, ele achou que eu sei lá, algum pescador de fora conseguiu entrar na reserva e tava me atacando. Então ele chegou com um facão assim para mim me socorrer, aí ele me viu no chão, já sem uma perna, e aí ele falou depois, eu conversei com ele, ele falou que ele quase desmaiou, mas ele viu que eu tava – tava viva. Ele falou “Não, preciso ficar bem, né?” Aí eu lembro que ele pegou o rádio da minha mão e ele tremia tanto. Ele não conseguia nem falar no rádio porque você tem que apertar do lado, aperta e depois você fala, né? Se você aperta, a pessoa do outro lado não escuta. E eu lembro que ele só falava, ele não tava apertando, eu via que ele não tava apertando, eu falava para ele – “Você tem que apertar, tem que apertar o botão”. Então, assim, eu tava bem consciente. E durante todo esse processo eu lembro de estar em choque, porque eu lembro de estar respirando bem forte, mas eu estava muito consciente, tanto que até falei para ele: “Olha, tem feijão no fogão, não esquece de desligar que tá na pressão”.

Letícia Leite: A calma da Deise parece surreal. E poderia ter até prejudicado o resgate dela.

Deise Nishimura: Porque o rádio está interligado com toda a reserva e com o Instituto Mamirauá, lá em Tefé. Então, quando eu chamei por ajuda, tanto que quando eu chamei por ajuda o biólogo lá de jacaré, ele até achou que eu estava brincando, que eu falei, ele falou que eu estava muito calma, quando eu falei "Olha, eu fui atacado por um jacaré, perdi minha perna. Eu preciso de ajuda, né?"

Letícia Leite: Toda a reserva ficou sabendo muito rápido. E ficou sabendo que não era piada. Não muito longe da casa flutuante, tinha uma pousada. O pessoal da pousada ouviu a chamada no rádio, e disparou para lá num barco. E um dos biólogos fez um torniquete na perna da Deise.

Deise Nishimura: E me colocaram num colchão e colocaram o barco e foram me levar para Tefé, que era a cidade mais próxima, que tinha um hospital e um hospital municipal. E aí, no meio do caminho, no rio mesmo, como eles iam falando no rádio, "a gente pegou a Deise— a gente".

Letícia Leite: Deve ter sido durante esse trajeto que alguém passou a mão no telefone e ligou para Vera. Que tava em Brasília, com o bolo de aniversário das filhas no colo, indo para uma festa de aniversário.

Deise Nishimura: O telefone toca dia 30 de dezembro, no início da tarde ou fim da manhã. E o então diretor do Mamirauá me diz que a minha aluna Deise foi atacada por um jacaré. Bom, eu desabei ali na hora. Fiquei muito atordoada, muito nervosa. E aí o telefone não parou de tocar, informações, machucou a perna, tá viva, não perdeu... Assim, cada pessoa dizia uma coisa.

Letícia Leite: Enquanto a Vera ia recebendo informações desencontradas, toda a reserva já tava mobilizada. Um pessoal que tinha um barco mais rápido meteu o pé no acelerador e interceptou o barco da Deise.

Deise Nishimura: Aí conseguiram uma lancha rápida lá do Instituto, que é um barco que tem um motor bem mais potente. Então, no meio do rio, me transferiram para esse barco.

Letícia Leite: E o telefone sem fio continuava, tanto em Brasília quanto no Mamirauá.

Vera da Silva: Eu sabia que ela tinha sido atacada, mas não sabia se era pé, se era perna...

Deise Nishimura: A gente chegou a Tefé e aí eu ia ser transferida para o hospital Militar, que tem um hospital militar lá. E aí quando eles me colocaram na ambulância, a enfermeira chegou e falou: "Nossa, mas tem uma perna faltando aqui, né?" Eu falei, "É, pois é, ninguém te contou?" Ela: "Não, falaram que era só um cortezinho, alguma coisa

bem simples”. Ela falou, “Não vai dar para te levar para o hospital militar, vai ter que te levar para o hospital municipal”. Porque assim, a minha perna, ela estava toda enrolada com um monte de cobertor, não sei o que. Então quando me transferiram pro barco mais rápido, para lancha rápida, o motorista me viu só como um cobertor na perna. Ele achou que era era algum, algum cortezinho, né.

Letícia Leite: Assim que todo mundo ficou na mesma página, e constatou-se a falta da perna, a Deise foi transferida pro hospital municipal de Tefé.

Deise Nishimura: Não era nem que era mais perto, mas tinha estrutura para fazer uma cirurgia de amputação, né? Bom, já amputada eu já estava, né?

Letícia Leite: A perna já tinha sido arrancada pelo jacaré – mas, além de parar o sangramento, tinha que fazer muita coisa...

Deise Nishimura: Tinha um médico colombiano doidinho, doidinho, que já tinha trabalhado em situações de conflito na Colômbia. Então ele já tinha feito muitas amputações, e ele sabia como – como colocar o músculo de volta. Porque quando você amputa, assim, é igual o frango que a gente come quando a gente está cozinhando, sabe, é osso para fora, é gordura, músculo, carne, tudo para fora. Então ele sabia como limpar direitinho, como colocar o meu músculo em volta do meu osso para ele ficar funcional, né? Porque se você simplesmente fecha, eu posso fazer força com o meu músculo que o meu osso não vai, não vai obedecer, não vai se movimentar. Então ele sabia como fazer tudo isso. Então sim, foi muita, muita sorte de ter esse médico lá também, que sabia como lidar com uma amputação, né?

Letícia Leite: Nesse meio tempo, depois de avisar a Vera, o pessoal do Instituto começou a fazer outras ligações.

Deise Nishimura: E nisso meus pais tinham passado o Natal comigo lá na reserva, e eles estavam em Manaus na hora do acidente, fazendo check-in para voltar para São Paulo. E aí foi quando o pessoal do

Instituto ligou para eles. Eles estavam, tinham acabado de despachar mal a mala lá no aeroporto de Manaus. E aí eles falaram: "pega de volta, vem para Tefé, que sua filha foi atacada por um jacaré".

Letícia Leite: Os pais da Deise pegaram a mala de volta, e correram atrás de outro voo.

Vera da Silva: Às sete da manhã do dia seguinte, eu estava chegando em Tefé. No aeroporto de Tefé com o pai e a mãe da Deise.

Deise Nishimura: Aí eu lembro quando acordei já estava minha mãe, meu pai lá, e a Vera.

Letícia Leite: A Deise ficou no hospital de Tefé uns dez dias. Ela foi operada e ficou lá até estabilizar. E, nesses dias, o quarto dela virou um palco de tudo quanto era tipo de gente.

Vera da Silva: Teve o rapaz que trabalha com jacaré no Instituto Mamirauá – trabalhava na época, pegou o frigobar da casa dele e trouxe nas costas para botar no quarto que ela estava para ter mais conforto. Para aliviar a pressão, a dor na perna dela o médico sugeriu esquentar toalha. Como é que eu ia esquentar toalhas? Então a gente arrumou alguém, trouxe toalhas de rosto e trouxe um ferro de passar roupa. E eu passava as toalhas para esquentar, para enrolar na perna dela, na área da amputação.

Letícia Leite: O espírito era de improvisado — e de generosidade, né? E, enquanto isso, o médico colombiano ia e vinha.

Deise Nishimura: Então assim, às vezes ele tinha acabado de fazer um parto de gêmeos na sala do lado, aí ele vinha para minha sala todo cheio de sangue e deitava na cama do lado e ficava conversando comigo. E aí ele contou para mim que ele tinha trabalhado para a CIA nos Estados Unidos, e tinha feito autópsia de ET. Aí eu achei que estava zuando. Aí no dia seguinte ele veio, trouxe fotos para me mostrar que ele tinha feito autópsia de ET.

Letícia Leite: Nisso, a Flora, que tava entrevistando a Deise, interveio...

Flora Thomson-DeVeaux: A CIA deixou ele tirar foto e levar a foto embora??

Deise Nishimura: Ah, e sei lá, sei lá, doidinho da vida, vinha com essas histórias, cada dia tinha uma história diferente, mas enfim, ele salvou a minha vida, então pode ser doidinho mesmo.

Letícia Leite: Essa história já estava complexa sem meter autópsia de ET no meio, então vamos deixar os alienígenas para lá. Porque a gente acabou pulando uma parte importante.

Deise Nishimura: quando estava indo para o hospital, o pessoal de uma das comunidades que eu passava o final de semana, que eram meus amigos – chama Boca do Mamirauá. Eles foram – eles ficaram sabendo da minha história, então eles foram para minha casa. Então, enquanto eu estava indo pro hospital, eles foram para minha casa, e lá é uma reserva em que eles não podem matar bicho. Mas como eu tinha sido atacado por um jacaré, eles começaram a matar um monte de jacaré.

Letícia Leite: Quando eu ouvi essa parte da história, num primeiro momento, eu achei que se tratava de vingança. Mas não. Eles tinham se incumbido de uma missão.

Deise Nishimura: Eu acho que eles mataram sete jacarés que estavam por perto da minha casa para tentar achar a minha perna.

Letícia Leite: Importante dizer que ninguém tinha pedido ou sugerido essa busca, muito menos essa matança... nem a Deise, nem o médico colombiano do ET... os ribeirinhos só tinham esperança de encontrar e conseguir reimplantar a perna da Deise. A primeira parte, eles conseguiram...

Deise Nishimura: E aí que acharam a minha perna. E aí que a gente ficou sabendo que tinha sido a Doroteia que tinha me atacado. E aí que a gente ficou sabendo que a Doroteia era um macho. E aí... Acharam a minha perna inteirinha dentro da boca do jacaré, tanto que tinha até a minha... eu usava uma tornozeleira, tornozeleira, estava lá dentro, estava tudo lá, intacto.

Letícia Leite: Ok, parte 1 deu certo, parecia que a chacina de jacarés não tinha sido em vão...

Deise Nishimura: Eles colocaram numa bolsa de gelo e levaram para o hospital, na esperança de poderem recolocar a minha perna de algum jeito, enfim.

Letícia Leite: Só que...

Deise Nishimura: Mas aí o médico, ele falou, a chance de infecção vai ser muito alta, porque primeiro o dente do jacaré é cheio de bactéria, depois ficou dentro do estômago do jacaré, cheio de sucos gástricos e ácidos e tal. Então falou assim: a chance de dar ruim é muito grande, é melhor fechar direitinho, cicatrizar, colocar uma prótese que vai ser muito mais tranquilo.

E aí depois eu fiquei sabendo que quando você perde uma parte do seu corpo, você tem que assinar um certificado de óbito da sua perna, então, depois, em São Paulo, depois de muito tempo, eu tive que assinar esse documento falando que sim, era a minha perna.

Letícia Leite: Quando ela estabilizou, a Deise foi de Tefé para Manaus, e de Manaus para São Paulo, sempre numa maca, até ser transferida para outro hospital. Mas uma parte dela ficou para trás.

Deise Nishimura: eu sei que a minha perna ficou, acho que no freezer, lá no Instituto, por um bom tempo, até eles conseguirem fazer toda a documentação. E eles fazem lá uma cerimônia para enterrar a perna, enfim, e é todo um processo que eu nem sabia que existia. Aí eu sei que

– sei lá, eles que fizeram toda essa parte de enterrar, de... não sei como é que eles fazem lá, mas eu sei que tem todo um procedimento que você tem que seguir para você conseguir se livrar dessa parte do corpo. Aí eu falei: "Nossa, devia ter deixado com a Doroteia, coitada, ia ser mais simples, né?" (ri). Então, uma parte de mim está lá na Amazônia.

Flora Thomson-DeVeaux: Pois é, muita gente fala isso, mas...

Deise Nishimura: Literalmente está lá na Amazônia.

Letícia Leite: A Deise nunca visitou o túmulo da perna dela. E, quando a Flora perguntou, ela disse que nem tinha pensado nisso. Porque, depois de perder a perna, a Deise não ficou pensando nela.

Vera da Silva: Nós chegamos então no hospitalzinho pequeno de Tefé e ela já tinha sido operada. E quando ela me viu... Ela me disse "Vera, eu tô bem. Foi só uma perna". Ufa! Bom, aí você vê o que é ser uma sobrevivente. Quem viu a morte e pensa – "o que é uma perna? Eu estou viva."

Deise Nishimura: Primeiro, assim, eu acho que eu fiquei muito feliz de ter sobrevivido. Então, assim, eu não foquei muito no: "Aí, eu perdi minha perna", eu foquei no "nossa, eu sobrevivi", né? O pessoal do Instituto vinha me visitar, algumas pessoas da comunidade vinham me visitar e eu estava feliz. Falei, "Nossa, você veio me visitar? Olha aqui, eu consegui sobreviver a isso aqui". E acho que nesse primeiro momento eu estava meio eufórica porque eu – é uma história incrível, impressionante, e eu consegui sobreviver a isso. Aí depois, quando você chega na realidade, você começa a viver o dia a dia. Eu lembro que em São Paulo eu ficava trancada num quarto aqui, num apartamento de São Paulo o dia todo, todo dia. Aí começou a bater um pouco mais desânimo, sabe falar: "nossa, e agora? Tá, sobrevivi. E agora, o que eu faço da minha vida?" Porque eu estava, eu tinha... Estava vivendo um emprego dos meus sonhos. Eu trabalhava com

boto cor de rosa todo dia, aquela imensidão do Amazonas lindo e maravilhoso. E aí, de repente, eu tava lá no meio do nada, na selva de pedras aqui de São Paulo, de concreto aqui de São Paulo, dependente dos meus pais para tudo. Então, no começo eu não conseguia nem levantar para ir no banheiro sozinha e precisava de ajuda para tudo. Mas aí eu comecei a ir numa clínica de amputados aqui de São Paulo, que aí eu comecei a conhecer outros amputados, tanto que, na minha época, estava eu e um outro menino fazendo fisioterapia, a gente fazia todo dia, ele é quadriamputado, tipo, ele perdeu por meningite, os quatro membros acima da articulação, acima do joelho e do cotovelo. E aí eu vi – nossa, eu só perdi uma perna.

Letícia Leite: Aos poucos, a Deise foi retomando a vida. Não a vida antiga, mas uma nova.

Deise Nishimura: Um passo de cada vez, literalmente. Você começa a ver que – nossa, é tranquilo. Dá para viver uma vida normal, você só tem que se adaptar. E aí eu lembro que no começo minha mãe ficava muito assim, preocupada com a minha imagem. Então eu entrava no elevador e entrava alguém, ela já meio que ficava na minha frente para esconder que eu estava sem perna. E aí eu falava, “Mãe” – acho que ela ficou muito pior do que eu do que durante esse processo de recuperação, sabe? De aceitar a amputação, não sei o quê, então... Mas, assim, ela foi ver tipo, eu usava shorts ou saia, ela falava, “Ai, não é melhor botar uma calça e tal, fica muito aparente”... Então, mas ela foi vendo que eu fui levando com naturalidade, foi aí, acho que ela também foi se acostumando com a ideia, e hoje em dia ela também lida super bem com isso.

Letícia Leite: A vida na selva de pedra foi ficando mais fácil. Mas a Deise tava sentindo que a história dela com a Amazônia não tinha acabado.

Deise Nishimura: na minha cabeça, eu tinha que voltar. Eu tinha que voltar para ver se eu conseguia fazer tudo o que eu fazia antes, sabe?

Letícia Leite: Daí surgiu um convite.

Deise Nishimura: O TED estava fazendo um TEDx Amazônia...

Letícia Leite: Na época do acidente, tinham saído várias reportagens sobre a Deise. E ela acabou sendo chamada para falar sobre a experiência dela num TEDx, esse evento de palestras, sabe? De relatos em primeira pessoa.

Deise Nishimura no TedX: Em abril de 2009, eu me mudei da cidade grande para o coração da Amazônia...

Letícia Leite: A conferência da Deise tá linkada no site da Rádio Novelo. Mas o importante, para ela, era menos falar sobre o que tinha acontecido, e mais voltar lá para reserva.

Deise Nishimura: Eu consegui voltar lá depois de 11 meses. Consegui ajudar no projeto de novo, revi todo mundo e consegui fazer as coisas que eu fazia antigamente.

Vera da Silva: 11 meses depois, volta a Deise gloriosa, né? para Tefé, pro Mamirauá. E absolutamente confiante com a sua perna mecânica e de short.

Deise Nishimura: Eu voltei lá e eu era tipo popstar, assim, todo mundo querendo tirar foto comigo, sabe? Engraçado.

Vera da Silva: “Ah, você que é a moça do jacaré!”

Deise Nishimura: Falei com um pescador que me socorreu, o primeiro que me socorreu. Ele me contou como é que foi. Me mostraram o vídeo da minha perna no saco de gelo, mas foi muito bom para rever todo mundo.

Vera da Silva: Ela entrava na voadeira, saía com a voadeira e ia visitar as pessoas. Participou de uma outra captura de boto que a gente fazia anualmente, e quando precisava de ajuda, sempre aceitou ajuda graciosamente, sem nenhuma afetação, mostrar que ela estava

diferente dos outros. E para nós, os colegas e as pessoas ali da reserva, foi muito bom conviver com ela. Eu nunca tinha convivido com uma pessoa amputada de nenhuma forma.

Letícia Leite: Já faz mais de dez anos do acidente.

Deise Nishimura: Foi um divisor de águas sim, mas eu falo que um divisor bem maior na minha vida foi ser mãe, que eu tenho uma filha de dois anos e agora de quatro. É assim, eu falo, eu brinco – eu não precisei fazer terapia quando eu perdi uma perna, mas eu precisei quando eu virei mãe, quando eu ganhei uma filha. Porque esse, sim, foi um divisor de águas para mim, porque, assim, estar fora do meu controle, é um negócio... quando eu perdi a perna, era eu minha vida – eu consigo superar, eu consigo fazer as coisas, eu consigo controlar minha vida. Agora, sendo mãe, você perde totalmente o controle da sua vida, você perde totalmente sua identidade. Porque, assim: perder a perna, eu continuava sendo a mesma Deise, só com uma perna a menos. Mas ser mãe, para mim, foi esse negócio que deu uma reviravolta total da minha vida e acho que esse foi o segundo grande marco da minha vida.

Letícia Leite: Eu queria saber como a filha mais velha da Deise lidava com essa história.

Deise Nishimura: É muito natural porque ela cresceu com uma mãe sem uma perna, né? Então é engraçado. Ela teve uma época que ela andava meio que mancando e eu falei com a pediatra super preocupada – nossa, será que ela tem algum problema na perna? Não sei o que é. Ela olhou para mim e falou: "Deise, eu acho que ela está imitando você". Porque é um modelo para ela, de alguém andando, sou eu.

Letícia Leite: Para Olívia, o mundo é assim. Ela tem um pai, uma mãe, e a mãe dela tem uma perna mecânica.

Deise Nishimura: E as pessoas perguntam para mim o que aconteceu? Eu já até falo: "Ô, Olívia, conta para eles o que aconteceu". Aí ela conta direitinho, ela fala, "ah, mamãe foi, ah, foi mordida por um jacaré-açu" – ela fala "jacaré-açu", o meu orgulho – "por um jacaré-açu, não sei o quê, lá na Amazônia". E ela tem assim um interesse gigante pela Amazônia. Ela sempre fala que ela quer ir para Amazônia, porque eu fico contando muita coisa da Amazônia. Mas acho que assim, na cabeça dela, é uma historinha normal, assim, nada demais. Eu acho que quando as pessoas ao redor dela da escolinha começarem a vir perguntar mais, eu acho que ela vai se tocar da história que é a mãe dela ter sido atacada por um jacaré, né? Mas por enquanto ela é uma historinha só assim para ela.

Letícia Leite: Para a Deise, a história nunca mudou. O curioso é como as pessoas reagem.

Deise Nishimura: Às vezes eles falam – às vezes eu dou palestra, alguma coisa, eles falam assim: "Ai, nossa, que inspiração! E eu ficava reclamando da minha vida, né?" Mas é engraçado, eles falam desse jeito, para mim soa como assim: "Nossa, sua vida é muito pior que a minha e eu reclamando!". Mas enfim, não ligo.

Letícia Leite: Quando a Vera me contou a história do acidente da aluna dela, o que mais impressionava ela era como a Deise tinha ficado bem.

Deise Nishimura: Eu acho que eu já era meio assim. Eu sou... Meu lema era "um, dois, três, superado", sabe? Então eu não fico remoendo – isso já antes, então eu não fico remoendo os problemas. Eu vou lá e resolvo, vou fazer outra coisa.

Letícia Leite: Para quem se considera resiliente, essa história do jacaré parece um teste.

Deise Nishimura: "Vamos ver, né? Vamos ver se você supera essa para ver se é 'um, dois, três, superado' mesmo". Uma coisa que é muito importante na minha vida também é a parte... religião, assim, sabe?

Para mim Deus é uma coisa muito importante. E nessa época que passou lá no Amazonas e tal, eu estava meio duvidando de Deus, fazendo várias perguntas e querendo ou não, isso foi uma resposta assim de que Deus estava lá comigo. Então eu acho que querendo ou não é assim, eu que meio que pedi isso e foi uma resposta que eu tive e que isso acalmou meu coração, então não vejo isso como uma coisa ruim, mas como um processo que eu precisava passar na minha vida para ter respostas de perguntas que eu tinha quando era jovem, sabe? Então foi bom. Foi bom.

Letícia Leite: Talvez você esteja pensando: a Deise queria uma prova de que Deus estava com ela. E aí um jacaré arrancou a perna dela. Para outra pessoa, isso poderia ser a prova de que ela estava sozinha no mundo. Mas para Deise não foi assim.

Deise Nishimura: É porque eu poderia ver – “Nossa, Deus me abandonou e deixou eu perder a minha perna”. Mas não, eu vejo assim: eu estava duvidando da existência de Deus naquela época e eu falava “Nossa, Deus, se você existe mesmo, me manda um sinal que você existe”. E aí foi que aconteceu isso, sabe? Porque realmente, ó, eu poderia ter sido atacada por outros bichos. Eu não fui. Eu poderia ter morrido de hemorragia, não morri. Poderia ficar depressiva, não fiquei, sabe, assim um monte de coisa depois que acontece o acidente, assim, as pessoas que estavam envolvidas, eles falaram, nossa, tudo começou a dar certo. Sim, tinha um barco rápido lá no meio do rio que a gente conseguiu se transferir. Tinha tal pessoa, estava lá o médico doidinho, estava lá no hospital naquele dia, sabe? Várias coisas começaram a dar certo, que é assim. Muita gente pode falar que foi sorte, muita gente fala que foi o anjinho da guarda, mas para mim foi resposta do que eu estava duvidando de Deus, sabe? E aí eu tive a resposta. Aí pronto, agora eu não fico mais questionando Deus, porque eu sei que Ele responde, então eu fico... agora sim, eu tive a resposta que eu precisava, e isso para mim basta, sabe? Para mim foi suficiente.

Flora Thomson-DeVeaux: Então a resposta não foi necessariamente o jacaré. Foi tudo que aconteceu depois.

Deise Nishimura: Foi toda a experiência, né. Eu acho que o perder a perna também. Eu acho de eu... De eu me sentir mais humilde, sabe? Assim, no sentido de que eu preciso de outras pessoas. As pessoas são importantes na minha vida. Porque acho que até então eu vivia muito assim. "Ai, eu sou independente, eu consigo viajar sozinha, eu consigo morar na Amazônia sozinha, não sei o quê". E aí acho que essa toda essa experiência também me fez perceber que, nossa, eu preciso muito das pessoas. As pessoas são muito importantes na minha vida.

Vera da Silva: Ela nasceu naquele dia 30 de dezembro, e eu disse para ela, é uma data que eu nunca vou esquecer, porque além de minhas filhas, teve... a Deise nasceu de novo. O acidente da Deise faz parte da minha vida. E também porque teve um reflexo no meu projeto, que é uma coisa que eu dediquei parte da minha vida e muita gente achava que eu tinha que fechar o projeto, tinha que parar. O próprio Instituto Mamirauá, que tinha a bolsa da Deise e da outra estagiária, me informou que dali para frente as bolsas do meu projeto pelo Mamirauá estavam encerradas.

Letícia Leite: As bolsas foram cortadas, e não voltaram desde então. Mas a Vera não se rendeu. Ela não deixou o projeto acabar. Afinal, o tempo que ela passou estudando os botos deu para ela uma outra noção da escala do tempo.

Vera da Silva: Os botos estão aqui na Amazônia há muito tempo, né, quase 15 milhões de anos atrás.

Letícia Leite: São quase 15 milhões de anos de botos na Amazônia, e são quase 30 do Projeto Boto da Vera. 30 anos pode parecer muito, mas é muito pouco ainda. E esse projeto só é tão urgente por causa do que nós humanos estamos fazendo.

Vera da Silva: O único problema dos botos na Amazônia é o homem. Quando nós começamos a pescar também, né? E é utilizar os rios como vias de transporte, como nosso área de descarte. Tudo o que

não presta é jogado no rio. O rio é o lixo do mundo. Então a gente vê animais com níveis de intoxicação por uma série de químicos, hidrocarbonetos, organoclorados, metal pesado no leite ou no músculo. Então você vê, assim— como que esses animais ainda tão abundantes e aqui presentes... mas também tem uma falsa, vamos dizer assim, uma falsa impressão, porque nós só vamos dar conta do colapso da espécie quando a gente um dia sair e dizer: "Gente, vocês estão vendo boto? Quando foi a última vez que nós vimos um boto, né?"

Letícia Leite: Poder ver a Vera na proa do barco – sentada na cadeira de plástico, anotando tudo o que ela consegue ver assim que um boto pula para respirar – foi o melhor presente de aniversário que eu poderia receber. E naquele Natal de 2022, dia 24 de dezembro, ela também fez aniversário. Ela completou 70 anos. A maior parte da vida adulta registrando com caneta bic no caderno as informações que hoje formam o maior banco de dados do mundo sobre botos.

Vera da Silva: Quem trabalhou com o boto pode até trabalhar com outra coisa, porque são biólogos, mas que fica aquela paixão, fica. Porque o animal é fascinante, curioso, e misterioso porque é essa água turva, você não vê o que acontece lá embaixo. Aí sobe aquela coisa linda, cor de rosa, né, assim, e você trabalha com fragmentos e você fica tentando colocar as peças juntos. Então é isso que a gente faz, tentar montar esse quebra cabeça da história, né, dos botos da Amazônia.

Branca Vianna: Essa foi a Letícia Leite, colaboradora da Novelo, que fez essa reportagem com a Flora Thomson-DeVeaux.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Você consegue acompanhar a Novelo nas redes, no Twitter e no Instagram, no @radionovelo.

Se você ainda não segue a gente na plataforma em que você ouve podcast, aproveita e faz isso já, para receber o próximo episódio assim que ele sair. E, para quem ainda não ouviu todos os episódios do Apresenta, vale a pena voltar lá e zerar.

Toda semana, além do episódio e da newsletter, a gente publica um post no site da Rádio Novelo, com algum material bônus das reportagens. Essa semana, tem fotos da Deise lá na reserva Mimirauá, antes e depois do encontro dela com o Doroteia.

E você pode aproveitar que está no site para assinar nossa newsletter, que chega toda semana junto com o episódio, e traz uma dica de alguém da nossa equipe.

Se você tiver alguma sugestão de história, é só mandar um e-mail para gente: apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Evelin Argenta e a Bia Guimarães.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini.

A sonorização é da Júlia Matos.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.